

OCTAVIA E. BUTLER

O MESTRE

O PADRONISTA VOL. 4

TRADUÇÃO
HECI REGINA CANDIANI



MORROBRANCO
EDITORA

PRÓLOGO	07
CAPÍTULO UM	13
CAPÍTULO DOIS	39
CAPÍTULO TRÊS	57
CAPÍTULO QUATRO	76
CAPÍTULO CINCO	94
CAPÍTULO SEIS	112
CAPÍTULO SETE	138
CAPÍTULO OITO	155
CAPÍTULO NOVE	170



PRÓLOGO

Naquela noite, Rayal estava com sua esposa principal, Jansee. Estava deitado ao lado dela em sua cama enorme, seguro, sendo ninado pela serenidade do Padrão que fluía até ele. Fazia mais de um ano que o Padrão estava pacífico. Um ano sem nenhum grande ataque clayarca em setor algum do Território Padronista. Um luxo. Rayal tinha vivenciado anos de luta suficientes para se contentar em relaxar e aproveitar a trégua. Só Jansee ainda conseguia encontrar motivo para descontentamento. Os filhos, como sempre.

— Acho que amanhã enviarei um silente para ver como estão as crianças — disse.

Rayal bocejou. Achava a preocupação que ela tinha com os filhos muito parecida com a de uma silente. Os dois meninos, um de doze e outro de dois anos, estudavam na escola do Setor Redhill, a 480 quilômetros de distância. Ela teria desobedecido ao costume e os mantido por perto, na escola de Forsyth, o setor onde nasceram, se ele tivesse permitido.

— Por que se dar ao trabalho? — perguntou Rayal. — Você está ligada a eles. Se estivessem com algum problema, você seria a primeira a perceber. Por que mandar um silente para descobrir o que já sabe?

— Porque poderei vê-los através da memória do silente depois que ele voltar. Não os vejo há mais de dois anos. Desde que o mais novo nasceu.

Rayal balançou a cabeça.

— Por que deseja vê-los?

— Não sei. Há algo... Não que esteja errado, mas... Não sei. — Ele conseguia sentir a inquietação dela influenciando o Padrão, perturbando sua vasta superfície entrelaçada. — Você vai deixar que eu envie um silente?

— Envie um forasteiro. Será mais apto a se defender caso os clayarcas o notem. — Depois disso, ele sorriu. — Você deveria ter mais filhos. Talvez assim se preocupasse menos com esses dois.

Ela estava acostumada com o deboche dele. Ele já lhe dissera coisas desse tipo antes. Mas daquela vez ela pareceu levá-lo a sério. Ele era capaz de sentir a atenção dela sobre ele, focada, ciente até mesmo do sorriso dele, ainda que não pudesse vê-lo no quarto escuro.

— Você quer que eu tenha filhos com um de seus forasteiros? — questionou ela.

Surpreso, ele se virou na direção dela, traçando mentalmente a solenidade presente em seu rosto. Ela estava comprando o blefe dele. Era um comportamento arriscado da parte dela.

— Com um assessor, talvez.

— O quê?

— Considere um assessor, ou pelo menos um aprendiz. Não um forasteiro.

— E qual... assessor ou aprendiz você tem em mente?

Ele se afastou dela, contrariado. Ela estava prolongando aquele absurdo para irritá-lo. Nenhuma outra mulher ousaria provocá-lo dessa maneira na Casa dele. Talvez, só para variar, ela também não devesse sair impune.

— Michael servirá — respondeu ele, em tom tranquilo.

— Mich... Rayal! — Ele saboreou a indignação na voz dela. Michael era um jovem aprendiz recém-saído da escola e quase dez anos mais novo do que Jansee.

— Você me pediu para escolher alguém. Escolhi o Michael.

Ela refletiu a respeito por algum tempo, depois recuou. Mas o orgulho não permitiria que recuasse muito.

— Um dia, quando você promover Michael a assessor e ele puder me ouvir sem constrangimento, vou contar a ele sobre isso. — Ela pousou a mão junto à face dele. — Então, marido, se ainda insistir em não me dar mais filhos, aceitarei sua decisão.

Aquilo, ele percebeu, era tanto uma promessa como uma ameaça. Ela falava sério. Ele lhe estendeu a mão, puxou-a para mais perto.

— Eu a recuso para seu próprio bem. Você se parece demais com uma mãe silente para ter mais filhos. Você se importa demais com o que se passa com eles.

— Eu me importo.

— E eles vão acabar se matando. Você é tão forte que mesmo o filho que tivesse com um homem mais fraco poderia competir com os nossos.

— Eles não *precisam* acabar se matando.

Ele desdenhou daquilo em pensamento.

— Não tive de matar dois irmãos e uma irmã para chegar onde estou? Não acha que pelo menos um dos nossos descendentes será tão obstinado a herdar o poder quanto eu? — Ele a sentia tentando se afastar e sabia que havia marcado um ponto. Ele a segurou no lugar. — Dois irmãos e uma irmã — repetiu. — E poderiam muito bem ter sido duas irmãs se minha irmã mais forte não tivesse sido sábia o suficiente para se aliar a mim e se tornar minha esposa principal.

Então ele a soltou, mas ela permaneceu imóvel. Sua tristeza causou uma vibração no Padrão, que refletia as emoções dela quase tão prontamente quanto as dele. Sem que ele cooperasse, porém, o Padrão não responderia ao controle dela. Foi com gentileza que se dirigiu a ela mais uma vez.

— Até nossos filhos competirão entre si. Será algo que você achará difícil de testemunhar, se acontecer durante a sua vida.

— Mas e quanto a seus outros descendentes? — disse ela. — Você teve tantos com outras esposas.

— E vou querer mais. Não tenho sua sensibilidade. Os meus descendentes que não competirem para me suceder vão passar a vida contribuindo para a força do povo.

Ela ficou em silêncio por um longo período, toda a sua consciência concentrada no rosto dele.

— Você realmente teria tentado me matar se eu o tivesse contrariado ou recusado?

— É claro. Você, sozinha, poderia ter se tornado uma ameaça para mim.

Houve mais silêncio. Em seguida:

— Você sabe por que me aliei a você em vez de competir?

— Sim. Agora eu sei.

Ela continuou como se não o tivesse ouvido.

— Odeio matar. Temos de matar clayarcas por uma questão de sobrevivência. Sou capaz de fazer isso. Mas não precisamos nos matar.

Royal sacudiu o Padrão bruscamente e Jansee deu um salto, ofegante com a perturbação repentina. Em termos físicos, era algo comparável a um tapa indolor, mas assustador, no rosto.

— Entende? — falou ele. — Acabei de despertar milhares e milhares de padronistas sem empregar mais esforço do que alguém precisaria para estalar os dedos. Minha irmã-esposa, este é um poder pelo qual vale a pena matar.

Uma raiva imediata irradiou de Jansee. Ao imaginar os filhos brigando, sua mente se encheu de comentários amargos sobre o poder dele. Mas a inutilidade de verbalizá-los para ninguém mais, ninguém menos do que ele abalou sua raiva.

— Para mim, não — respondeu ela, soando triste —, e nem para os meus filhos, assim espero. Tomara que guardem a selvageria, o poder, para os clayarcas. — Fez uma pausa. — Você notou o grupo de silentes lá fora, em frente à Casa?

Ainda que parecesse, aquilo não era uma mudança de assunto. Ele sabia aonde ela queria chegar, mas deixou que prosseguisse.

— Sim.

— Percorreram um longo caminho — continuou ela.

— Pode deixá-los entrar, se quiser.

— Vou fazer isso depois, quando terminarem de rezar.

— Ela balançou a cabeça. — Silentes Hajji. Tolos.

— Jansee...

— Eles vieram até aqui porque acham que você é um deus, e você nem se dá ao trabalho de permitir que entrem para escapar do frio.

— Eles recebem exatamente o que esperam de mim, Jansee. A garantia de saúde, longevidade e proteção contra abusos por parte de seus senhores. Fazer de sua gratidão uma religião foi ideia deles.

— Não é como se você se incomodasse — respondeu ela baixinho. — Poder. Na verdade, já que você mantém o Padrão, chega a ser uma espécie de deus para os padronistas, não é? Devo adorá-lo também, marido?

— Não é como se você fosse. — Ele sorriu. — Mas isso não importa. Existem momentos em que preciso de alguém que não tenha medo de mim por perto.

— Para que sua própria presunção não o destrua — disse ela com amargura.

Os clayarcas escolheram aquele momento para pôr fim ao ano de trégua. Com uma arma antiga de proporções enormes, eles se posicionaram em uma colina bem às vistas das luzes da Casa de Rayal. Tinham encontrado a arma no extremo sul do território que pertencia exclusivamente a eles. Com paciência e prudência raras, trabalharam com afinco na arma, limpando-a, estudando seu funcionamento, consertando-a, praticando com ela. Depois, arrastaram-na até a Casa do Mestre do Padrão, seu maior inimigo. Era improvável que fossem capazes de usá-la mais de uma vez. Portanto, só seria eficaz se pudessem usá-la contra Rayal.

Os vigias de Rayal os viram, mas, embalados pela paz e ignorantes sobre o canhão, não se importaram com clayarcas tão distantes. Logo, os clayarcas tiveram todo o tempo de que seus dedos desajeitados precisavam para carregar a arma enorme, apontar e disparar.

A pontaria deles era boa e eles tiveram muita sorte. O primeiro tiro atravessou a parede do apartamento particular

do Mestre do Padrão, decapitando sua esposa principal e ferindo-o com tamanha severidade na cabeça e nos ombros que, durante minutos longos e cruciais, o Mestre do Padrão ocupou-se totalmente em salvar a própria vida. Apesar de todo o seu poder, permaneceu indefeso em seu leito. As pessoas da Casa ficaram surpresas o bastante, desorientadas o bastante, para dar aos clayarcas o tempo necessário para outro disparo. Mas a destruição encheu os clayarcas de entusiasmo. Eles abandonaram o canhão e desceram como um enxame para a Casa a fim de acabar com ela de modo mais satisfatório e pessoal.

AMOSTRA

1

O sol ainda não estava no céu há tempo suficiente para abraçar a umidade fria da manhã quando Teray e Iray deixaram o quarto do dormitório da Escola Redhill pela última vez.

Iray era pura ansiedade e apreensão, e suas emoções eram contagiantes. Teray havia se deixado enredar por elas. O ato de saírem juntos da escola não só reforçava sua condição de adultos, mas fazia deles marido e mulher. Teray havia esperado por quatro cansativos anos pela oportunidade de sair em segurança e começar a trabalhar no sonho de fundar a própria Casa.

Agora enfim caminhava com Iray em direção ao portão principal. Não houve cerimônia: nem para sua saída da escola, tampouco para o casamento. Apenas duas pessoas deram atenção à partida. Teray captou ambas em um dos dormitórios, uma garota padronista que era amiga de Iray e uma silente de meia-idade. Permaneciam juntas à janela do dormitório, olhando para Iray. A amiga guardava seus sentimentos para si, mas a silente irradiava tamanha mistura de tristeza e empolgação que Teray soube que ela e Iray deviam ter sido próximas.

Iray estava muito tomada pelas próprias emoções para ter consciência da dupla. Teray lhe mostrou uma breve imagem mental e ela se voltou, pesarosa, para dizer adeus.

Ele mesmo não enviou pensamentos de despedida. Havia anos que não interagira assim com silentes. O amadurecimento de sua força mental o tornava perigoso demais para eles. Por segurança, Teray mantinha com os silentes um relacionamento impessoal de senhor-servo. E fizera poucas amizades com professores e colegas. Eles também eram cautelosos em relação à força dele. Teray tinha sido uma autoridade na escola, mas, exceto por Iray, também fora muito solitário.

Do lado de fora do portão principal, ele e Iray encontraram os dois homens que os esperavam. O mais velho era de

estatura mediana, forte e de constituição larga, um homem de evidente força física. O mais novo tinha uma estrutura mais parecida com a de Teray: era alto e magro. E provavelmente não era mais velho do que ele.

Joachim! O pensamento de Teray se dirigia ao mais velho. *Não esperava que viesse pessoalmente.*

O homem sorriu de leve e falou em voz alta:

— Não é sempre que recebo um aprendiz tão promissor. Não gostaria que nada lhe acontecesse no caminho até minha Casa.

Teray transmitiu surpresa: *Houve problemas, então? Quem foi atacado?*

— Coransee. E vocalize. Estou expandindo minha percepção ao máximo, caso os agressores ainda estejam na área.

— Coransee? — falou Teray, obediente. — Tão perto do centro do setor?

— E o mais poderoso entre nós. — O homem que acompanhava Joachim falou pela primeira vez. — Os agressores mataram dois forasteiros dele e sequestraram um silente.

— Espero que tenham matado o silente também — comentou Joachim. — Matado logo, quero dizer.

Teray concordou com a cabeça, compartilhando da esperança. Silentes que não eram torturados até a morte ou que não morriam da doença da *Arca de Clay* tornavam-se arqui-inimigos de seus antigos senhores.

— Acha que ainda existem clayarcas dentro do setor? — perguntou a Joachim.

— Sim. É por isso que trouxe Jer comigo. — Joachim indicou o companheiro com um gesto. — Ele é um de meus forasteiros mais fortes.

Teray analisou Jer com interesse, perguntando-se como a força do homem se comparava à sua. Por meio do Padrão, Teray já havia percebido que Jer era forte. Mas quanto? Não era possível determinar ao certo guiando-se apenas pelo Padrão. Mas não havia dúvida de que Joachim sabia. Provavelmente testara

Jer com a mesma minúcia com que testara Teray. E, depois do teste, ele fez de Jer um forasteiro e aceitou Teray como aprendiz.

A voz de Iray arrancou Teray de seus pensamentos.

— Mas, Joachim, já que você e Jer estão aqui, sua Casa não corre perigo?

Joachim a olhou e a expressão sombria dele suavizou-se.

— Provavelmente, não. Os clayarcas conhecem minha reputação. Em minha Casa, estamos todos ligados. Minha esposa principal consegue extrair força de todos ali para se defender. Se os clayarcas atacarem um dos meus, todos os outros ficam sabendo e reagem. Os clayarcas não se arriscariam a atacá-los sem um exército, e não acho que eles tenham conseguido trazer um exército para dentro do setor.

— Teríamos mais perdas do que as Casas maiores — afirmou Jer —, porque não temos a força delas. Mas nelas as pessoas lutam como indivíduos, e nós lutamos como um só. Nelas as pessoas sempre deixam alguns clayarcas passarem despercebidos e escaparem. Nós matamos todos.

Teray notou o orgulho na voz do homem e se perguntou como Joachim poderia inspirar orgulho mesmo em um forasteiro. Mas a atitude de Teray em relação à condição de forasteiro era, ele sabia, influenciada por seu desejo de nunca a ocupar. Era a posição de um servo, inferior por definição. O melhor que poderia ocorrer a um forasteiro era encontrar um Preceptor como Joachim, a quem pudesse respeitar e servir com certo semblante de orgulho. O pior destino era a escravização.

Os cavalos esperavam por eles em um bosque a alguns passos de distância, e Teray percebeu que Iray percorreu a distância ao lado de Joachim. Ela, que momentos antes estivera tão animada em deixar a escola com Teray. É bem verdade que conhecera Joachim primeiro. O Preceptor a auxiliara quando ela fez a difícil transição da infância para a idade adulta e se tornou integrante do Padrão. Ela provavelmente acabaria na Casa dele como uma de suas esposas se não tivesse conhecido

Teray. Naquele instante, Teray os observava com desconfiança. Ele passaria pelo menos dois anos com Joachim, em aprendizado preparatório para fundar a própria Casa. Seria bom que não perdesse a esposa no processo.

Ele se aproximou de Iray quando chegaram perto dos cavalos. Tocou a mente dela com delicadeza, em um lembrete de uma só palavra, ocultada com cuidado de Joachim e Jer: *Esposa!*

A cautela de Teray lhe passou batido. Iray sintonizou o pensamento dele com a displicência de uma criança feliz e ampliou-o ao volume de um grito mental, ao qual adicionou, entusiasmada: *Marido!*

Uma proclamação. Joachim e Jer dificilmente poderiam deixar de percebê-la. Teray pôde sentir o divertimento deles quase com a mesma intensidade com que sentia o próprio constrangimento. Mas ao menos ela disse o que ele queria saber. E, felizmente, não entendeu completamente o que ele quis dizer. É claro que havia um vínculo entre Iray e Joachim. Mas nada mais era do que o vínculo entre um homem e uma mulher que ele tivesse auxiliado. Afeição. Nada mais.

Teray procurou uma maneira de acabar com o silêncio e voltar a atenção de Joachim e Jer para outra coisa. Foi então que reparou no cavalo que Joachim havia montado. Era um cavalo de exposição, é claro, assim como os outros três. Todos foram criados e treinados com o mesmo cuidado que a maioria dos silentes. Faziam parte de um projeto que Joachim havia levado a cabo, mais por diversão do que por lucro. Mas aquele que Joachim montava tinha algo de especial.

— Joachim, seu cavalo...

O Preceptor sorriu.

— Eu me perguntava quando Iray o deixaria perceber.

Teray deixou sua curiosidade ser sentida em parte porque estava de fato curioso, mas também porque estava aliviado por Joachim também ignorar seu ciúme tolo. Mas o cavalo...

— Você não tem nenhum controle mental sobre ele?

— Nenhum — confirmou Joachim.

Com cuidado, Teray sentiu o garanhão. Com cuidado porque animais, assim como silentes, podiam acabar machucados com facilidade, ser mortos com facilidade. E, além disso, animais descontrolados atingem inconscientemente as mentes padronistas intrusas com quaisquer emoções que sintam. Mas Teray assimilava apenas calma vinda do cavalo. Uma calma incomum.

— Um experimento meu — explicou Joachim. — Este cavalo não precisa de mais controle do que um silente comum. Na verdade, foi programado como se programa a um silente. E, uma vez feita a programação, os clayarcas poderiam disparar um canhão perto dele e ela seria mantida. Não seria necessário perder tempo controlando o cavalo no momento em que deveria dar toda a sua atenção aos clayarcas. — Joachim sorriu. — Conto mais a respeito quando chegarmos em casa.

Teray assentiu. Casa. Joachim não tinha ideia de como aquela palavra soava bem. A escola fora a casa de Teray por tempo demais. Ele havia feito sua transição para a idade adulta quase quatro anos antes. E, mesmo naquela época, já não havia muito que os professores pudessem lhe ensinar. No entanto, ele permaneceu ali, aprendendo o possível sobre suas habilidades por conta própria, recebendo ajuda ocasional de algum Preceptor de uma Casa visitante, aguardando e alimentando a esperança de que um Preceptor o aceitasse como aprendiz.

Vários se ofereceram para aceitá-lo como forasteiro. Se ele não estivesse mais sob a proteção da escola, alguns deles poderiam ter ficado tentados a levá-lo à força. Sem dúvida, isso agora seria uma possibilidade, enquanto permanecesse jovem e não qualificado. E se o levassem agora, poderiam evitar que Teray aprendesse as habilidades que talvez o tornasse um perigo para eles. Mas ninguém queria se arriscar a aceitá-lo como aprendiz. Um forasteiro era permanentemente inferior. Um aprendiz era potencialmente um superior. Um aprendiz era o jovem potro vagando às margens

da manada, aguardando até poder matar o velho garanhão e assumir a liderança. Ou pelo menos era isso que os Preceptores que ele havia conhecido pareciam pensar.

Dizia muito sobre Joachim o fato de não ter tido medo. Na verdade, quando Iray o apresentou a Joachim, o Preceptor chegou a mencionar a possibilidade de um aprendizado antes mesmo de Teray julgar ser sensato tocar no assunto. Era necessário ser um homem confiante e poderoso para aceitar um aprendiz com o potencial de Teray. Mas Joachim tinha a confiança e o poder necessários, e agora, enfim, Teray estava indo para casa.

Joachim havia assumido a dianteira com Jer. Agora, dirigia-se para a retaguarda:

— Vamos ter de parar na Casa de Coransee primeiro. Ele quer me ver, provavelmente para conseguir minha ajuda no problema com os clayarcas.

Iray prendeu a respiração de modo enfático.

— Visitar Coransee! Joachim, ele é seu amigo? Um Senhor tão poderoso. — Ela passava quase metade do tempo sendo infantil.

Houve uma pausa antes de Joachim responder, e em seguida:

— Eu o conheço. — Sou quase amargo. — Não somos amigos, mas eu o conheço.

Sendo o Preceptor mais forte do setor, Coransee era um tipo de líder local não oficial. Isso fazia dele uma celebridade para pessoas como Iray. Teray tinha ouvido falar dele com admiração e inveja, mas nunca com amargura. Mas Teray estivera trancafiado na escola, e as pessoas tomavam cuidado com o que diziam na frente de estudantes. Bem, ele não estava mais na escola. Seria melhor que soubesse mais sobre o Preceptor que estava prestes a visitar.

— Joachim? — chamou ele.

Joachim recuou para cavalgar ao lado de Teray, deixando Jer na liderança. *É melhor usar “Senhor Joachim”, Teray. Pelo*